

O combo bolsonarista na educação paulista



Por LUIS FELIPE MIGUEL*

O bolsonarismo, do qual Tarcísio é a versão 2.0, é isso. Uma forma de extremismo que sempre acaba colocando um Rolex no pulso de seus líderes

O governo de São Paulo decidiu que o estado não vai participar do programa nacional de distribuição de livro didáticos. Vai elaborar material próprio que será disponibilizado aos estudantes em formato digital.

É de se questionar o que será o conteúdo especial que chegará às escolas paulistas. A ditadura militar como período de paz e prosperidade? Nazismo de esquerda? Criacionismo? Terra plana?

Não é só o risco de contaminação do material didático pelo negacionismo científico que caracteriza a extrema direita. Há também o fato de que todas as pesquisas mostram que os estudantes absorvem melhor os conteúdos quando leem em livros físicos.

E o acesso dos estudantes aos equipamentos necessários?

Serão distribuídos pela Secretaria da Educação. Aí está o pulo do gato. O secretário Renato Feder é acionista da empresa que tem contratos milionários com sua própria Secretaria, para fornecimento de equipamentos de informática.

O Ministério Público está investigando “conflito de interesses”, nome bonito para uma roubalheira deslavada.

Pressionado, o governo admitiu que pode imprimir as apostilas para estudantes com dificuldade de acesso ao digital.

A impressão é mais cara e produz um material de menor qualidade do que o livro, sem manter qualquer das vantagens tecnológicas alardeadas com a migração para o digital. Se o livro digital pode simplesmente ser substituído por sua versão impressa, o que justifica a troca?

E onde estão as impressoras, nas escolas, para fazer o serviço? Quem sabe um aditivo no contrato com a Multilaser – a empresa de Feder – resolve a parada...

Ao mesmo tempo, a Secretaria da Educação anunciou que, no concurso para contratação de novos professores, os candidatos serão avaliados por um vídeo de 5 a 7 minutos, que cada um deve gravar.

A performance de *influencer* vale o dobro do que valem títulos de pós-graduação ou experiência anterior em sala de aula.

Está claro o projeto de fechar escolas em favor do ensino à distância. Uma política que não apenas reduz a qualidade do ensino, mas penaliza fortemente os mais pobres – que carecem dos equipamentos e não têm com que deixar os filhos. E

a terra é redonda

empurra os remediados para o mercado da educação privada.

A política da Secretaria de Educação de São Paulo é destruir a escola pública. Aí também há espaço para bons negócios.

O bolsonarismo, do qual Tarcísio é a versão 2.0, é isso. Uma forma de extremismo que sempre acaba colocando um Rolex no pulso de seus líderes.

***Luis Felipe Miguel** é professor do Instituto de Ciência Política da UnB. Autor, entre outros livros, de Democracia na periferia capitalista: impasses do Brasil (*Autêntica*).

Publicado originalmente nas redes sociais do autor.

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)